

RESUMO EXPANDIDO DE TRABALHO ORIGINAL**Binarismos estruturais e teoria dos jogos: uma leitura cruzada das formas de racionalidade**

Bruno Renato Sluzala, Mestrado Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD), Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Brasil.
bruno.sluzala@gmail.com

Jorge Leandro Delconte Ferreira, PPGSeD, Unespar, Brasil.
jorge.ferreira@ies.unespar.edu.br

INTRODUÇÃO

A vida humana, em sua estrutura fundamental, constitui um campo permanente de dilemas: dar ou reter, cooperar ou explorar, obedecer aos impulsos da natureza ou seguir as regras da cultura. Para Claude Lévi-Strauss, o pensamento humano não é um caos, mas uma estrutura organizada por oposições e mediações. Em *O pensamento selvagem*, ao discutir a relação entre razão analítica e razão dialética, o autor observa que “a oposição entre as duas razões é relativa, não absoluta; ela corresponde a uma tensão no âmago do pensamento humano” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 274). Essa leitura evidencia que o pensamento humano se move entre polos contrários e cria, em todas as sociedades, mecanismos simbólicos destinados a reconciliar tensões como natureza e cultura, dom e reciprocidade, indivíduo e grupo.

Tal forma de pensar, que traduz relações humanas em esquemas formais, encontra eco em outras áreas do conhecimento. Se Lévi-Strauss pôde recorrer a diagramas e simetrias para descrever estruturas universais do pensamento, formalização semelhante aparece na economia, em construtos como a Teoria dos Jogos, que também parte de binarismos e relações de equilíbrio. John Nash (NASH, 1950, p. 287) demonstrou que a interação estratégica entre indivíduos, e por extensão as interações econômicas e políticas, pode ser descrita por estruturas formais de dilemas, em que “*each player's mixed strategy maximizes his payoff if the strategies of the others are held fixed*”. Como formulador da teoria dos jogos, Nash representou tais interações por matrizes de decisão e pontos de equilíbrio, nos quais a cooperação e o equilíbrio emergem de tensões e interdependências.

Comparar Lévi-Strauss e Nash pode parecer uma proposta teórica improvável, mas ambos compartilham a busca por estruturas universais de racionalidade, um pela via simbólica da cultura e outro pela via formal da matemática. Essa aproximação permite interrogar se os dilemas estratégicos que organizam a vida econômica não seriam expressões modernas das mesmas lógicas simbólicas que estruturam as trocas rituais.

O objetivo deste trabalho é analisar como a antropologia estrutural e a teoria dos jogos convergem na explicação das interações humanas, destacando seus princípios comuns de oposição e mediação. Em um momento em que as fronteiras entre ciências humanas e exatas se mostram insuficientes para compreender a complexidade social, esse diálogo revela a possibilidade de uma leitura integrada das racionalidades simbólica e formal.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de natureza teórica e qualitativa, de abordagem comparativa e analítico-interpretativa. O objetivo metodológico é examinar como dois modelos de inteligibilidade, o estruturalismo de Lévi-Strauss e a teoria dos jogos de Nash, representam e explicam a lógica das interações humanas.

Em um primeiro momento, explicitam-se os fundamentos conceituais de cada modelo. Do lado antropológico, considera-se o binarismo como forma de organização do pensamento e a mediação simbólica como mecanismo de resolução das oposições. Do lado econômico, retomam-se os elementos centrais da teoria dos jogos em sua formulação clássica, como a matriz de *payoff*, o equilíbrio de Nash e os dilemas estratégicos.

Em seguida, elaboram-se duas representações formais do mesmo dilema, a troca ritual de presentes: i) uma matriz binária estruturalista e ii) uma matriz de jogo. As duas estruturas são cotejadas para identificar convergências, tensões e princípios formais compartilhados.

Por fim, procede-se à contextualização filosófica de suas origens comuns, situadas no formalismo lógico e na busca por leis universais que tornem inteligível a recorrência dos comportamentos humanos. O uso de modelos esquemáticos, nesse contexto, visa tornar visíveis as lógicas subjacentes às interações sociais, aproximando racionalidades simbólicas e matemáticas sem reduzir uma à outra. Não se pretende demonstrar que Lévi-Strauss antecipou a teoria dos jogos, nem que Nash escondia um estruturalista em suas equações, mas apenas utilizar um dilema comum como campo comparativo para evidenciar como ambos buscaram traduzir a complexidade humana em modelos formais de racionalidade.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Para visualizar concretamente a intersecção entre a teoria dos jogos e o estruturalismo de Lévi-Strauss, tomemos um dilema clássico presente tanto em sociedades ditas “primitivas” quanto em economias modernas: a decisão de dar ou reter em uma troca.

Em ambos os contextos, o gesto de dar não é puramente altruísta, mas um ato social que envolve cálculo, expectativa e reconhecimento. A escolha entre ofertar ou reter, entre cooperar ou isolar-se, carrega implicações estruturais sobre a continuidade das relações. O que para Nash aparece como um jogo de estratégias interdependentes, para Lévi-Strauss configura-se como um sistema simbólico de reciprocidade que funda alianças e assegura a coesão do grupo.

Entre grupos tribais, Lévi-Strauss mostrou que as alianças se estabelecem pela lógica da reciprocidade: dar presentes, alimentos ou mulheres em casamentos

arranjados. O gesto de dar não é gratuito; ele cria obrigação, funda confiança e insere o sujeito na ordem simbólica. O gesto de doar vai além de transferir um objeto, é afirmar um vínculo. Como destaca Marcel Mauss (MAUSS, 2003, p. 286), “a própria coisa dada forma um vínculo bilateral e irrevogável”.

Já sob a ótica da teoria dos jogos, esse mesmo dilema pode ser formalizado como uma escolha estratégica entre cooperar (dar) ou não cooperar (reter), com resultados distintos para cada parte envolvida. O modelo na teoria dos jogos permite representar as interações sociais por meio de matrizes de *payoff*, nas quais cada combinação de escolhas gera benefícios ou perdas relativas. O Quadro 1 apresenta uma representação simplificada do dilema da troca, inspirada na estrutura do Prisoner's Dilemma.

Quadro 1 – Matriz da Teoria dos Jogos para a troca ritual

Grupo A \ Grupo B	Cooperar (Dar)	Não Cooperar (Reter)
Cooperar (Dar)	(3, 3) – Ganho moderado de ambos (cooperação mútua)	(0, 5) – A perde confiança, B ganha vantagem imediata
Não Cooperar (Reter)	(5, 0) – A ganha vantagem imediata, B perde confiança	(1, 1) – Ambos perdem (ruptura da relação)

Fonte: Elaboração própria, com base em Nash (1951).

O raciocínio é o seguinte: se cada jogador pensa apenas no ganho imediato, a tendência é cair no quadrante (1,1), onde todos perdem. Somente a repetição do jogo, com memória e reputação, permite estabilizar a cooperação e sustentar o equilíbrio coletivo. Esse enquadramento evidencia que a cooperação maximiza o resultado coletivo, ainda que cada agente tenha o impulso individual de reter. A racionalidade instrumental conduz, muitas vezes, a resultados subótimos, semelhantes ao equilíbrio do dilema dos prisioneiros. De modo análogo, nas sociedades analisadas por Lévi-Strauss e Mauss, o rompimento da reciprocidade, ao recusar o dom, não retribuir ou interromper o ciclo da troca, gera desequilíbrio social, desconfiança e fragmentação. A estabilidade depende, portanto, da manutenção de um pacto simbólico de cooperação.

Quadro 2 – Matriz binária de Lévi-Strauss para a troca ritual

Dimensão	Pólo 1	Pólo 2	Mediação
Relação social	Hostilidade	Amizade	Troca ritual
Circulação de bens	Reter	Dar	Prestígio, obrigação
Ordem cultural	Natureza	Cultura	Rito, mito

Fonte: Elaboração própria, com base em Lévi-Strauss (1962).

Aqui não há cálculos, mas símbolos. A oposição dar/reter é homóloga à oposição natureza/cultura. O rito de troca, narrado nos mitos e reproduzido nas festas, atua como mediador que dissolve paradoxos entre interesse e obrigação, convertendo antagonismo em aliança.

Essa homologia evidencia que, para Lévi-Strauss, a lógica estrutural da reciprocidade opera como matriz universal das relações humanas. O gesto de

doar não se reduz a uma transação material, mas expressa a passagem da natureza à cultura, da força ao sentido. Assim, o equilíbrio simbólico das trocas rituais corresponde, no plano social, ao equilíbrio estratégico das interações formais descritas por Nash. Ambos buscam explicar como a cooperação emerge em meio à tensão entre cálculo e confiança, mostrando que a sociedade se funda, simultaneamente, sobre regras e vínculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação entre a antropologia estrutural de Lévi-Strauss e a teoria dos jogos de Nash revela um campo teórico ainda pouco explorado, mas intelectualmente fecundo. Ambas as abordagens partem da busca por estruturas universais de racionalidade: para o primeiro, os pares binários que organizam o pensamento humano; para o segundo, os dilemas estratégicos que formalizam as escolhas em contextos de interdependência. Em ambos os casos, trata-se de compreender como o comportamento humano é condicionado por oposições fundamentais, como dar e reter, cooperar e trair, guerra e paz, e por mecanismos de mediação que tornam possível a vida social.

O exercício comparativo realizado neste estudo sugere que o mito e o equilíbrio de Nash não constituem domínios inconciliáveis, mas diferentes modos de resolver a mesma tensão constitutiva entre interesse individual e ordem coletiva. Pode-se, assim, considerar que a teoria dos jogos funciona como uma mitologia racional da modernidade, na qual os cálculos substituem os ritos como instrumentos de estabilização das relações. Inversamente, os binarismos antropológicos podem ser vistos como uma formalização simbólica da lógica que, em outra escala, a teoria dos jogos expressa matematicamente.

A hipótese que se delineia é a de que existe um espaço de convergência entre modelos formais de racionalidade e estruturas simbólicas de sentido. Investigar essa intersecção abre uma linha de pesquisa interdisciplinar entre antropologia, economia e teoria social, capaz de enriquecer tanto a análise das interações estratégicas nas sociedades complexas quanto a compreensão das raízes culturais da racionalidade econômica.

Em síntese, a comparação entre Lévi-Strauss e Nash não se reduz a um exercício retórico, mas representa um convite à investigação científica de uma possível síntese: uma teoria das interações humanas que una, de modo rigoroso, a lógica simbólica da cultura e a lógica matemática da decisão. Essa síntese, ainda em construção, aponta para uma leitura ampliada da racionalidade humana, simultaneamente estrutural, simbólica e estratégica.

PALAVRAS-CHAVE

Lévi-Strauss. John Nash. Teoria dos Jogos. Estruturalismo. Binarismo.

AGRADECIMENTOS

A Claude Lévi-Strauss e a John Nash,
por revelarem que toda estrutura pensa em pares

e todo cálculo, no fundo, hesita

OUTRO

Dar Reter

EU -----

Dar vínculo || humilhação

Reter vantagem || solidão

Entre o símbolo e o número,
entre natureza e estratégia,
cada escolha carrega o outro em si.

E, ainda assim —
diante do jogo —
optamos pelo gesto que cria laço,
mesmo sem garantia de retorno.

REFERÊNCIAS

LÉVI-STRAUSS, Claude. ***Antropologia estrutural***. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. ***O pensamento selvagem***. 8ª. Ed. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NASH, John F. **Non-cooperative games**. *The Annals of Mathematics*, 2nd Ser., v. 54, n. 2, p. 286-295, 1951. Disponível em: <https://www.cs.upc.edu/~ia/nash51.pdf>. Acesso em: 29 out. 2025.